

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Comunicação: mídias, temporalidade e processos sociais 2

Diagramação: Daphynny Pamplona
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Indexação: Gabriel Motomu Teshima
Revisão: Os autores
Organizador: Miguel Rodrigues Netto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C741 Comunicação: mídias, temporalidade e processos sociais 2 /
Organizador Miguel Rodrigues Netto. – Ponta Grossa -
PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-540-9

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.409211410>

1. Comunicação. 2. Mídias. I. Rodrigues Netto, Miguel
(Organizador). II. Título.

CDD 302.23

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

O livro “Comunicação: Mídias, temporalidade e processos sociais 2” é uma obra multidisciplinar que reúne estudos científicos de pesquisadores de diversas partes do país e do exterior sob o eixo problematizador da mídia e de suas relações na sociedade. Ao todo dezessete capítulos estão reunidos neste segundo volume que consolida norteamentos presentes na primeira obra e ainda avança sobre temáticas novas que apontam para interdisciplinaridades ainda não exploradas.

A obra começa com um bloco de capítulos que dialogam diretamente com o fazer jornalístico como no caso do estudo sobre o gênero opinativo em revistas da área de saúde e também na fotografia jornalística como ferramenta para alunos ou mesmo no estudo sobre dispositivos móveis e construção da notícia. Percebemos neste primeiro bloco que embora o eixo norteador seja a visão jornalística, existe forte articulação com outras áreas como educação, política e cultura.

No segundo bloco de capítulos as pesquisas se abrem para outros campos da comunicação mantendo o perfil multidisciplinar da obra como pode ser visto nos estudos “Apontamentos sobre biopoder, biopolítica e biopotência na comunicação comunitária no ciberespaço”; “Ciberdemocracia e *fake news*: reflexões sobre o período eleitoral de 2018” e “O agro em tempos de pandemia: economia e saúde na textualização do político pela mídia”. Tais estudos se dão no campo comunicacional, mas é inegável a habilidade dos pesquisadores em dialogar com outras ciências produzindo estudos complexos e multifacetados.

No último bloco de textos aparecem aquelas pesquisas que dialogam de forma mais transversal e autônoma com as mídias, problematizando a partir de seus conhecimentos aspectos que perpassam pela relação com os meios. É possível nestes textos identificar abordagens a partir da sociologia, política, psicologia e filosofia. Tais abordagens não estão estanques, mas sim em movimento e influenciando na conceituação de fenômenos comunicacionais.

O objetivo central deste livro em seu segundo volume é ampliar ainda mais o diálogo multidisciplinar, o que pode ser verificado pela formação dos pesquisadores que perpassam por diversos campos do saber acadêmico e emprestam seus olhares a esta obra coletiva, escrita a muitas mãos, corações e mentes. A atualidade das discussões aponta para o momento em que vivemos que produz a inquietação do porvir e aguça o senso investigativo em busca de respostas que por sua dinâmica espiral produzem mais perguntas.

A imersão cibernética ocorreu de forma abrupta para muitos produzindo uma overdose de informações. Muitos estão cansados de lives, reuniões e eventos virtuais e do trabalho home-office, mas no novo normal estes processos sociais vieram para ficar. As plataformas digitais e o universo midiático que entraram definitivamente na vida das pessoas com o advento da pandemia da Covid-19, parece já causar menos estranhamento e começa a ser

mais desvelado tanto pelos estudiosos quanto pelos usuários.

Desejamos que Comunicação: Mídias, temporalidade e processos sociais 2 seja motivadora para seus objetivos em busca fontes para pesquisas futuras ou boa leitura e entretenimento. Afinal nestes tempos de pós-verdade e *fake news*, o que importa é a informação confiável e bem fundamentada.

Miguel Rodrigues Netto

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

DISPOSITIVOS MÓVEIS E CONSTRUÇÃO DA NOTÍCIA: UMA ANÁLISE DIANTE DA PARTICIPAÇÃO DO REPÓRTER LAERTE CERQUEIRA NA COBERTURA DO ATENTADO TERRORISTA DE BARCELONA

Miguel Rodrigues Netto

Daliana Martins Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4092114101>

CAPÍTULO 2..... 15

CARACTERÍSTICAS DO GÊNERO OPINATIVO NAS REVISTAS VEJA SAÚDE E VIVA SAÚDE

Brunna Ingrid Pinheiro de Sousa

Flaubert Cirilo Jerônimo de Paiva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4092114102>

CAPÍTULO 3..... 34

EFEITOS DE SENTIDO SOBRE UMA PRÁTICA DISCRIMINADA: A CONSTRUÇÃO DE UMA MULHER MIGRANTE EM REPORTAGEM

Nádia Dolores Fernandes Biavati

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4092114103>

CAPÍTULO 4..... 46

FOTOGRAFIA JORNALÍSTICA COMO FERRAMENTA PARA ALUNOS COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA

Ismael García-Herrero

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4092114104>

CAPÍTULO 5..... 52

O PAPEL DA MÍDIA IMPRESSA NO PROCESSO DE CONFIGURAÇÃO DO ATOR DA ENUNCIÇÃO, PARTICIPANTE DAS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE 2013 NA CIDADE DE SÃO PAULO

Tânia Regina Exposito Ferreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4092114105>

CAPÍTULO 6..... 64

REPRESENTAÇÕES POLÍTICAS NO SUPLEMENTO INFANTIL GURILÂNDIA: DIREITOS HUMANOS, CIVIS, POLÍTICOS E SOCIAIS NO JORNAL ESTADO DE MINAS DOS ANOS DE 1956 A 1964

Aline Choucair Vaz

Eliana Eduardo Gomes da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4092114106>

CAPÍTULO 7	74
APONTAMENTOS SOBRE BIOPODER, BIOPOLÍTICA E BIOPOTÊNCIA NA COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA NO CIBERESPAÇO	
Patricia Franck Pichler Maria Ivete Trevisan Fossá	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.4092114107	
CAPÍTULO 8	86
CIBERDEMOCRACIA E FAKE NEWS: REFLEXÕES SOBRE O PERÍODO ELEITORAL DE 2018	
Lohayne Silva Gregório Perini	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.4092114108	
CAPÍTULO 9	100
O AGRO EM TEMPOS DE PANDEMIA: ECONOMIA E SAÚDE NA TEXTUALIZAÇÃO DO POLÍTICO PELA MÍDIA	
Débora Pereira Lucas Costa Milton Mauad de Carvalho Camera Filho Cristinne Leus Tomé	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.4092114109	
CAPÍTULO 10	111
VISUALIDADE ALGORÍTMICA E CARTOGRAFIA CIDADÃ DA PANDEMIA - COVID-19	
Kenzo Soares Seto	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.40921141010	
CAPÍTULO 11	123
MÍDIAS SOCIAIS E PROPAGANDA POLITICA ENTRE MANIPULAÇÃO E CENSURA	
Edgar Esquivel Solís	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.40921141011	
CAPÍTULO 12	138
COMUNICAÇÃO E CIDADANIA CORPORATIVA: A QUESTÃO DA SUSTENTABILIDADE	
Mafalda Eiró-Gomes Ana Luísa Raposo	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.40921141012	
CAPÍTULO 13	151
COMUNICACIÓN: MEDIOS, TEMPORALIDAD Y PROCESOS SOCIALES 2	
Elizabeth Carabalí Donneys	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.40921141013	
CAPÍTULO 14	156
REDES SOCIAIS E COMUNIDADES DE PRÁTICAS	
Luiz Carlos Affonso	

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.40921141014>

CAPÍTULO 15..... 178

TRANSTORNO MENTAL E ESTEREÓTIPOS: A PROPAGAÇÃO PELOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Nadya Maria Macedo Pereira

Eliane Ribeiro Magalhães Fortes de Melo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.40921141015>

CAPÍTULO 16..... 190

IDOLS EM DRAMAS TELEVISIVOS CHINESES: CONTEXTO HISTÓRICO, POP E SUBVERSÃO POLÍTICA EM *THE UNTAMED*

Tatiana Machado Boulhosa

Guilherme William Udo Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.40921141016>

CAPÍTULO 17..... 202

AS RELAÇÕES HUMANAS EM TEMPOS DE UMA NOVA ERA VIRTUAL

Victor Antunes de Souza Serrão

Jadson Justi

Edriline Barbosa Lima Justi

Jamson Justi

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.40921141017>

SOBRE O ORGANIZADOR..... 220

ÍNDICE REMISSIVO..... 221

CAPÍTULO 3

EFEITOS DE SENTIDO SOBRE UMA PRÁTICA DISCRIMINADA: A CONSTRUÇÃO DE UMA MULHER MIGRANTE EM REPORTAGEM

Data de aceite: 01/10/2021

Nádia Dolores Fernandes Biavati

Professora da Universidade Federal de São
João Del-Rei- UFSJ
<http://lattes.cnpq.br/5547900574671723>

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo abordar, mediante estudo de caso, representações que o jornal *Diário do Rio Doce*, de Governador Valadares (MG) constrói sobre uma brasileira migrante nos Estados Unidos, nos anos 1970. Destaca-se o modo como se representa discursivamente uma prática não aceita socialmente, uma vez que se representa em uma reportagem jornalística uma mulher que se identifica como praticante de *striptease*. Pelo referencial teórico-metodológico da Análise de Discurso Crítica, bem como pelos aspectos dos estudos sobre a condição feminina, aborda-se como o discurso pode contribuir na fixação de ideologias que interpelam as práticas sociais aceitas ou não aceitas, referendando, desse modo, as mais aceitas como as que são dominantes no discurso midiático. Percebe-se que o discurso midiático constitui-se de modo a construir identidade e práticas compatíveis com um modo de vida, a partir de um olhar tradicional, masculino, por vezes machista, às atividades de mulher migrante. Com isso, o discurso midiático é perpassado por um dizer que é machista na medida em que, por escolhas e opacidades, fortalece o olhar discriminatório à praticante de *striptease*.

PALAVRAS-CHAVE: migração, identidade,

representação, discurso, gênero feminino.

MEANING EFFECTS ON A DISCRIMINATED PRACTICE: THE CONSTRUCTION OF A MIGRANT WOMAN IN REPORT

ABSTRACT: The current study aims to approach, through a case study, representations that the newspaper *Diário do Rio Doce*, from Governador Valadares (MG) builds about a female Brazilian migrant in the United States, in the 1970s. It highlights the way a practice that is not socially accepted is discursively represented, since a woman who identifies herself as a striptease practitioner is represented in a journalistic report. Through the theoretical-methodological framework of Critical Discourse Analysis, as well as aspects of studies on the female condition, how discourse can contribute to the fixation of ideologies that challenge accepted or unacceptable social practices is discussed, thus endorsing the more accepted viewpoints as those that are dominant in media discourse. It is noticed that the media discourse is constituted in order to build identity and practices compatible with a way of life, from a traditional, masculine, sometimes sexist look at the activities of migrant women. Thus, the media discourse is permeated by saying that it is sexist in that, through choices and opacities, it strengthens the discriminatory look at the striptease practitioner.

KEYWORDS: migration, identity, representation, discourse, female gender. Introdução

1 | INTRODUÇÃO

O presente trabalho é resultado da pesquisa em visão interdisciplinar, envolvendo os Estudos Culturais e a Análise Crítica de Discurso, de filiação anglo-americana. A Análise de Discurso Crítica ou Análise Crítica do Discurso (ADC ou ACD) pressupõe que na interação as pessoas deixam escapar suas crenças, seus valores, suas concepções sobre trabalho, vivência masculina e vivência feminina em terra estrangeira. E, segundo Woodward (2000), os discursos e os sistemas de representação constroem lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar. Sob esses pressupostos, analisam-se textos de um jornal sobre uma mulher brasileira, natural da região, que trabalha como praticante de *striptease* nos EUA, na década de 1970, representada discursivamente, em seus dizeres e práticas, em reportagem de jornal local.

A base escolhida para desenvolvimento deste trabalho resulta de trechos de duas reportagens publicadas pelo jornal *Diário do Rio Doce* (doravante DRD) da cidade de Governador Valadares nos dias 12 e 24 de maio de 1970.

O objetivo da análise é observar como são construídas as representações femininas sobre sua atividade de trabalho naquela temporalidade, considerada por ela como discriminada nos contextos sociais. Nesse foco, destaca-se em estudo de caso a maneira como o jornal a descreve, seja como trabalhadora, seja como mulher nos EUA ainda na década de 1970. Considera-se a forte interpelação que esse meio de comunicação exerce no desempenho de suas funções, ainda mais nos anos 1970, no contexto valadarense. Essa interpelação transmite valor de verdade aos aspectos de caráter social e ajuda a construir e ratificar posições de senso comum sobre as ideias ali veiculadas, com a venda de imagem, de crenças e valores. Então, não se despreza aqui o desejo de a reportagem agradar ou interpelar o leitor para o consumo.

Pretende-se descrever e explorar a maneira como a mulher é representada nos textos, a fim de destacar potenciais pontos de reflexão sobre o modo como os discursos e as práticas sociais interpelam os sujeitos. Na descrição, o plano semiótico nas reportagens publicadas sobre a “moça que pratica *striptease*” merece atenção especial, já que corresponde à forma de a própria mulher se representar para os sujeitos nos países de origem, uma vez que ela apresenta juízos de valor sobre o país; ao mesmo tempo, por meio do discurso machista e midiático, destacam-se suas práticas e seu modo de vida no país de destino.

Por fim, serão reunidas as informações em torno dessa representação particular de mulher migrante, nesse caso, a representação da mulher discriminada nesse discurso midiático, um território simbólico que referenda as práticas consensuais e condena as práticas que contrariam o consenso dos valores estabelecidos por instituições, como família, trabalho e Estado.

21 ANÁLISE CRÍTICA DE DISCURSO (ACD)

A Análise Crítica de Discurso (doravante ACD) é uma abordagem de estudos discursivos que assume uma posição de destaque especialmente a partir da década de 1990 e anos 2000, com os estudos do linguista Norman Fairclough. Com uma vasta produção sobre o modo como o discurso marca as relações sociais e como essas se disseminam no discurso, a ADC se caracteriza como interdisciplinar, pois aciona saberes da Linguística, de estudos sobre a cultura, a sociedade e a História. Além disso, fornece uma produção teórica e analítica que é fundamental para compreender as atividades humanas e o modo como as pessoas significam essas atividades. Por isso, a ACD (FAIRCLOUGH, 2001) recusa a neutralidade da investigação e do investigador, que define os seus objetivos em termos políticos, sociais e culturais.

Estabelece, pois, modos de compreender os efeitos que os discursos acarretam na vida social e o modo como essa também afeta os dizeres, tomando contornos de estudos críticos sobre dada realidade. Tem, portanto, propósito de compreender como a linguagem se constitui, visto que ela é uma das formas de mediação entre os sujeitos e o mundo.

Nesse sentido, a linguagem tem função decisiva na construção das identidades e das práticas. Portanto, o domínio da linguagem acontece como prática social, como discurso que se faz e se refaz tanto nos domínios da vida privada quanto da vida social.

Desse modo, os discursos são recursos simbólicos, construindo territórios simbólicos, em movimentos de ponto de vista sobre um local e formas de ver o mundo mediante a linguagem. Nos discursos, circulam representações construídas por meio dos significados escolhidos e disseminados. Em seu papel de linguagem como prática social (FAIRCLOUGH, 2001), operam modificando territórios materiais e sendo por eles modificados, assumindo práticas vivenciadas nas espacialidades, no lugar onde as pessoas vivem ou escolhem viver, trabalhar e desfrutar formas de lazer.

Nesses termos, revela-se como produtiva a relação entre discurso e território, uma vez que em avanço aos estudos da Geografia Política, o olhar sobre território apresenta-se fecundo para a ACD ao consolidar a linguagem como uma força dos territórios, trunfo (RAFFESTIN, 1993). A categoria território é importante na medida em que marca dois aspectos: a relação do homem com o espaço e como ele se organiza construindo suas próprias estratégias (simbolismos). Um território não se faz somente como espaço geográfico; como prática, na faceta de territorialidade, assume as contingências das ações reiteradas e assumidas nos e a partir dos espaços materiais, e os dois territórios, brasileiro e estadunidense são contrastados na presente discussão. Desse, absorve um conjunto simbólico de regras e regularidades (no uso da linguagem, por exemplo) compartilhadas entre participantes de instituições, e efetivadas a partir das relações de poder.

Território, nesse sentido, acaba tomando contornos simbólicos, para além da instância material. Lugares e práticas são dotados de sentidos, projetados ou perpassados pelas

relações de poder, nas relações sociais (HAESBAERT, 2005). Os dizeres se constituem como territorialidades, conformando ações sustentadas pelo olhar de si sobre o outro e avaliadas por meio das relações de poder.

Saliente-se que, no uso da linguagem, porque nela perpassam discursos que, segundo Fairclough (2001), constituem sujeitos, relações sociais e sistemas de conhecimento e crenças, ou seja, o discurso pode ser considerado uma via de mão dupla, pois o formamos e somos formados por ele simultaneamente.

2.1 Discurso: o lugar das representações

Em termos de prática, construir discursos consiste em combinar formas gramaticais e significados para produzir um texto unificado, falado ou escrito, em diferentes gêneros (PEDRO, 1997). Construir discursos sobre algo também significa veicular representações: o termo representação advém da Psicologia Social e diz respeito ao modo como os indivíduos e grupos constroem seu conhecimento e interagem a partir de uma realidade. Jodelet (2002) afirma que ao se relacionarem com o conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, a representação carrega um objetivo prático de contribuir para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. Representar algo discursivamente significa, pois, construir discursivamente uma realidade social, dizer sobre ela, compartilhá-la, colaborando para reivindicar ou ratificar sistemas de conhecimentos e crenças, valores, práticas e identidades.

É importante avaliar o que brasileiros dizem sobre a sua relação com o estrangeiro, sobre os costumes, sobre o outro, pois ali se posicionam valores de aceitação ou até mesmo de submissão sobre uma realidade. Interessa, assim, opinião do migrante sobre si e do seu posicionamento sobre onde vive, na medida em que suas declarações representam o olhar sobre o outro e o modo como ele reage e interage, dada uma realidade. O processo de migração é, portanto, não só apresentado, mas também representado por meio das posições que os sujeitos assumem sobre o fenômeno migratório, sejam elas relativas ao processo de construir o seu lar, sejam sobre suas experiências de trabalho, onde escolhem viver. Nesse sentido, migrantes contribuem na construção de uma ideia de aproximação ou afastamento da cultura estrangeira.

Na concepção crítica de Análise de Discurso de Fairclough (2001), discurso pode ser entendido de duas formas: (a) como substantivo abstrato, uma prática social; (b) como substantivo comum, uma forma específica de significar a experiência. A ACD trata da relação da linguagem com a exterioridade, os interesses políticos e ideológicos, permitindo, assim, uma descrição das representações que o falante exerce no território estrangeiro.

O foco à análise discursiva se dá porque, num dado momento, entre todas as coisas que poderiam ser ditas, apenas certas coisas são. Há notadamente nas declarações o dito sobre as instituições, que carregam seus valores e suas práticas consensuais, e por meio das quais (e a partir delas) as pessoas experienciam o dizer, representando conhecimentos, aprovando ou reprovando práticas, referendando (ou não) valores ali disseminados.

Desse modo, a mídia exerce o papel crucial de construir, disseminar e referendar as práticas difundidas nas outras instituições. A mídia acaba sendo a lente que representa os sujeitos, na medida em que destaca seus valores, suas crenças e suas práticas, como modo de interpelar os sujeitos para o consumo. Ao mesmo tempo, reivindica posições assumidas pelo senso comum em uma temporalidade em prática discursiva dos anos 1970, pois a enunciação produz essa temporalidade no jornal que analisamos, uma vez que permanece ali, aos nossos olhos, o que chama atenção: a busca da adesão dos sujeitos aos discursos representados no discurso relatado em reportagens, a entrevista a uma mulher discriminada.

Para a análise do discurso de vertente anglo-americana, conforme lembram Chouliaraki e Fairclough (1999), interessa destacar e analisar o contexto em que acontecem os dizeres. O contexto está diretamente ligado aos papéis dos enunciadores na construção eventual do discurso. Tais papéis estão sujeitos à influência de condições externas, relativas às condições geográficas, culturais, políticas e econômicas. A construção da identidade desses participantes é fundamental para se compreender como são representadas as experiências e as opiniões (os julgamentos de valor) que ali se constituem.

A identidade pode ser percebida como uma construção social promovida pelo discurso e adquirida pelo indivíduo. De acordo com Moita Lopes (2003), a identidade de cada pessoa é entendida como uma construção social que se dá nos e pelos discursos, no modo como se pode posicionar na sociedade.

3 | A MIGRAÇÃO COMO O TERRITÓRIO DE RESSIGNIFICAÇÕES

Há diversas abordagens sobre os motivos que levam o indivíduo a migrar de seu território nativo e ingressar em um território desconhecido. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2000), as crises econômicas e o decréscimo de ofertas de trabalho são as causas mais corriqueiras que levam ao grande fluxo de migração de brasileiros.

A mobilização da mulher em busca de melhores condições sociais e econômicas passa a competir com as práticas masculinas, tão disseminadas na migração, na busca de melhores condições de vida. Assim, migrar é mais usual para homens do que para mulheres (SIQUEIRA, 2009) até a década de 1970, na microrregião de Governador Valadares, pois havia a crença de que a mulher se tornaria “desvirtuosa” e seguiria caminhos masculinos, tornando-se, desse modo, menos mulher. Levando-se em conta essa crença, é possível perceber como objeto de curiosidade o modo como é abordada pela mídia uma mulher cujas práticas não se enquadram ao consenso, especialmente porque a prática gera avaliação, provocando desse modo a possível crítica de leitores.

4 I CONTEXTUALIZANDO OS DADOS

Para uma análise discursiva de orientação anglo-americana, além do texto, interessa destacar o contexto, a conjuntura em que os eventos acontecem.

Um estudo sobre identidade envolve a investigação sobre o modo como as pessoas são representadas no discurso. A esse respeito, SHOTTER e GERGEN (apud MOITA LOPES, 2003, p. 24) argumentam que “As pessoas são em grande medida posicionadas em identidades de acordo com sua vinculação dentro de um discurso”. Entende-se que os sujeitos assumem posições com base nos territórios que povoam, que constituem e que ali fortalecem e se fortalecem.

Haesbaert (2005) explica que o conceito de território apresenta dupla conotação: pode ser material ou simbólica. Em qualquer acepção, tem a ver com poder, seja no sentido político, seja no sentido simbólico de dominação ou apropriação. Em se tratando de linguagem, as territorialidades se consolidam como ação orientada pelas vivências perpassadas pelas relações de poder e se fortalecem com o apoderamento de uma língua e uma cultura por parte do indivíduo.

Então, na presente pesquisa, a reportagem/entrevista é encarada como uma prática discursiva cujas territorialidades representadas indicam as práticas migratórias, descritas e materializados em linguagem, tanto do indivíduo representado (entrevistado) quanto de vários indivíduos (responsáveis pela escrita e editoração). Sob essa ótica, a objetividade e a imparcialidade apregoadas pela mídia acabam se tornando ilusão na atividade jornalística. Para Flausino (2001), essa condição limita o caráter informativo da mídia, mas não impede a manipulação do que é publicado. Tal necessidade vincula-se à própria manutenção do meio de comunicação.

As tecnologias do discurso (FAIRCLOUGH, 2001) podem permear o meio jornalístico, capaz de apresentar e representar realidades desejadas e provocativas da curiosidade dos leitores. Os sujeitos têm alguma consciência desse poder midiático e são interpelados por opiniões e valores ali embutidos. Para uma noção de tecnologia discursiva, destacam-se os critérios partilhados por uma comunidade de palavra, pois as definições das regras e das regularidades do dizer são compartilhadas pelos interlocutores nas diversas atividades sociocomunicativas.

Assim, tanto o conhecimento sobre a estrutura de um texto quanto os possíveis efeitos de verdade de reportagens sobre a condição de mulher migrante em reportagens da década de 1970 indicam o modo como se disseminam valores que discriminam uma migrante, mesmo porque ela é praticante de *striptease* e se declara signatária a essa prática, quando entrevistada em uma reportagem do jornal regional *Diário do Rio Doce* na década de 1970, objeto de nossa análise.

5 | RELAÇÕES DE GÊNERO: O FEMININO EM DESVANTAGEM

Ao longo do desenvolvimento de pesquisa acerca das posições sobre o feminino e o masculino nos discursos, percebe-se a grande quantidade de trabalhos que abordam as desvantagens sociais do gênero feminino com relação ao gênero masculino. Em geral, destaca-se o lugar social que a mulher acaba ocupando como trabalhadora, e seu papel era, ainda na década de 1970, considerado incipiente.

A desigualdade de poderes aqui tratada refere-se a um poder construído e forjado cotidianamente. Fishman (1978, p. 33), em um texto clássico sobre as relações de gênero, compreende bem sobre esse poder quando escreve: “Poder é a habilidade de impor uma definição de realidade sobre o que é possível, o que é certo, o que é racional, o que é razão”. Nessa perspectiva, as próprias diferenças nas ações dos gêneros se dão sutilmente, naturalizadas e ucontribuem para a sustentação da desigualdade de direitos entre os sexos.

Atentando para essa assimetria, entende-se a construção de um contexto que se inicia com um indivíduo já discriminado, mulher, representada em jornal. O fato de ser mulher é suficiente para suscitar um conjunto de preconceitos no público que acompanha a notícia em 1970, ainda mais porque se trata de uma trabalhadora cuja atividade é discriminada socialmente. Com isso, a própria construção da reportagem pode já estar comprometida com os preconceitos e as discriminações disseminados na sociedade naquela temporalidade. Na escolha de uma pergunta a ser feita à entrevistada, o jornal informa o leitor e também deseja entretê-lo e representá-lo, colocando perguntas possíveis que satisfaçam a curiosidade das pessoas. O leitor precisa se identificar com o direcionamento na reportagem, para o bem da aceitação social e econômica do jornal.

Neste trabalho não interessa reduzir a complexidade das relações e das identidades que a mulher assume com as questões de gênero na sociedade. Interessa sim chamar a atenção para algumas assimetrias que podem ser decisivas no modo como os padrões sexuais influenciam nas relações sociais e essas, por sua vez, constituem os sistemas de representação.

6 | PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

Com o objetivo de analisar trechos de reportagem em que a mulher é representada como praticante de *streptase*, segue-se a abordagem da Análise de Discurso Crítica de Fairclough (2003; 2006). Primeiro, evidenciam-se aspectos sobre a conjuntura que cerca a reportagem, veiculada no início da década de 1970. Em seguida, observam-se os discursos que permeiam o texto jornalístico, desvendando o significado representacional, tendo em vista o modo de vida da personagem feminina representada na reportagem e sua condição de migrante. Destacam-se as identidades e práticas que se representam na reportagem, especialmente porque há uma condição feminina de trabalhadora discriminada no Brasil que

se (re)(a)presenta no âmbito midiático do jornal.

Selecionam-se para o momento, trechos de uma reportagem, em estudo de caso, cujo destaque se dá a uma entrevista à mulher migrante e praticante de *de striptease* nos EUA. A reportagem acaba se tornando uma grande polêmica na época,¹ pois a migrante descreve aspectos do seu trabalho no país de destino e menciona que seu país de origem “é fossa”.

7 | ANÁLISE DA REPORTAGEM DO DIÁRIO DO RIO DOCE, DE 12 DE MAIO DE 1970



Fonte: Diário do Rio Doce, 12/05/1970- Arquivo NEDER.

Analisando o significado acional (FAIRCLOUGH, 2003), há a reportagem que consta de texto e foto da migrante entrevistada (acima). Descreve-se a migrante, natural de Governador Valadares que, na data, reside nos Estados Unidos e aparece na foto usando um vestido decotado, destacando principalmente as pernas, um colar e uma sandália de salto alto. Ela está maquiada, posando na foto que destaca um pouco mais o decote do vestido. A migrante apoia um dos pés sobre algo parecido com um banquinho. Outro ponto que chama a atenção é que, embora exponha principalmente sua lateral direita, sua cabeça e seus olhos estão voltados para a câmera.

Abaixo da foto está um pequeno texto com os dizeres: “Brasil para ela é “fossa””. O título da reportagem é: “Moça que pratica *striptease* nos EUA diz que vai bem e o Brasil é

1 A reportagem selecionada para o presente trabalho é parte do banco de dados do Núcleo de Estudos Regionais (NEDER/UNIVALE), que destaca textos sobre migrações e migrantes na mídia local desde a intensificação do processo, na década de 1970. Agradecemos à Univale, à professora Dra. Sueli Siqueira, responsável pelo acervo e ao então bolsista de iniciação científica Kássio Victor P Vidal, pelas informações e diálogos no trabalho com o objeto da pesquisa.

‘fossa’”.

Percebe-se desde o título a construção de uma identidade de migrante insatisfeita com o país de origem e satisfeita com o país onde reside e trabalha naquele momento. Pode-se, então, inferir que obteve sucesso em seu projeto de migração, pois se sente realizada com o trabalho pós-imigração. O termo que concentra a insatisfação da mulher é a qualificação do Brasil como “fossa”, substantivo que significa lugar onde são despejados e acumulados dejetos.

Observando o significado identificacional, observa-se o estilo que identifica a entrevistada, com gírias, em que se reproduz o dizer “Brasil é fossa”. Já a expressão “vai bem” concentra avaliação sobre a satisfação da entrevistada no país onde mora e trabalha. Embora ambas as expressões estejam atribuídas à “moça que pratica ‘*striptease*’ nos EUA”, a palavra “fossa” é apresentada como algo dito pela mulher migrante entrevistada, exatamente como foi pronunciado por ela, como citação direta. Já a expressão “vai bem” preserva não a forma dita pela mulher, mas o discurso midiático representando esse dizer. Nesse sentido, há um conjunto de escolhas que compõem uma rede de valores sobre o viver em um país promissor, naquele momento, indicado para migração, mas que ao mesmo tempo coloca a mulher em posição desconfortável no país de origem, uma vez que seu modo de vida é representado a partir de uma função não aceita socialmente.

Destaquemos uma questão: por que o jornal faz questão de apresentar em destaque o termo “fossa” como algo dito pela mulher? Uma das possíveis respostas é o caráter agressivo que o termo assume. O modo de representar os dizeres da mulher sobre o país de origem acaba por compor a representação de sua identidade na função discriminada, isto é, um dizer discriminado para um personagem discriminado. Desse modo, o jornal renova um tipo de acordo com o seu público consumidor, ao compor os gestos da “moça que pratica *streptease*”.

Esse “acordo” midiático que interpela o leitor mostra “como age” a identidade representada da mulher ali retratada, que chama atenção. Vale lembrar que os valores parecem nortear os dizeres para uma personagem não adequada para a migração. Logo, a representação do dizer indica que não seria apropriado chamar de fossa o local onde um grupo de pessoas vive e, através das aspas usadas no vocábulo “fossa”, o jornal leva o leitor a inferir: “não foi eu quem afirmou isso”.

Outro termo enfatizado pelo jornal é o nome dado ao fazer da migrante: *striptease*. O termo remete a uma prática que adquire contornos de prática sexual, embora a entrevistada esclareça que não há essa conotação com seus dizeres em primeira pessoa: “Faço companhia aos fregueses”. Nessa direção, a entrevistada descreve como acontece o *show*: “Meu ‘*show*’ dura dez minutos, sendo cinco para me despir e cinco para dançar no intervalo”. Ao mesmo tempo, o título de uma reportagem também é uma forma de vender o texto, ao mencionar *streptease* Subentende-se que existe um grande público que se interessa por isso ou, no mínimo, questiona a prática descrita pela personagem destacada.

Há outra pergunta interessante: por que escolher essa migrante especificamente

para compor uma reportagem? Existem muitas brasileiras que desembarcam nos EUA, inclusive valadarenses. Uma das possíveis respostas é a apresentada pelo próprio jornal: a valadarenses havia aparecido anteriormente na primeira página de um jornal carioca. Há também resquícios de um discurso preconceituoso sobre as práticas e os dizeres escolhidos pela (e para) a migrante valadarenses, tanto é que a ela são atribuídas posturas, práticas e valores não bem aceitos socialmente para a época: usa decote, qualifica pejorativamente o local de origem, gosta de fazer striptease, quer seguir carreira na prática. Destaca-se, portanto, a sua identidade de praticante de *striptease*, e não de migrante, trabalhadora e dona das próprias ações.

A partir daqui estabelecemos os principais motivos que levaram o jornal a entrevistar e publicar a entrevista: a mulher é de Governador Valadares (MG), onde há um intenso movimento de migração para os EUA, e migrou para lá; saiu na primeira página de um jornal carioca; pratica *striptease* (é mais comum uma imigrante nos EUA trabalhar com *housecleaner* do que como *striper*); e fala que Brasil é “fossa”, apesar de ser brasileira.

O primeiro parágrafo cita um salário que varia entre 400 e 600 dólares por semana, chamativo para os leitores, valor aparentemente satisfatório para a migrante, identificada como Izabel Silva. No Brasil, em plena década de 1970, eram consideradas vitoriosas as mulheres que trabalhavam; além disso, um salário no valor relatado era considerado bom, porque a mulher começava a se inserir com mais força no mercado somente a partir daquela década. No nosso país, dificilmente ela conseguiria receber um valor correspondente em um mês.

O segundo parágrafo descreve as características físicas da migrante, como se ela se tornasse ali uma mercadoria: “...tem 22 anos, cor branca, e o seu ponto de realce são os seios”. Mercadoria, já que o próprio trabalho da migrante está vinculado às suas peculiaridades físicas, realçadas na notícia, tanto textualmente quanto nas fotos que ilustram a reportagem.

Chama atenção também o modo como representa o americano, identidade que contrasta com a identidade do brasileiro: “O americano não é da fossa. Pelo contrário, ele (*sic*) sabe conversar e não cansa a gente — diz Izabel”. Para ela, a prática de contraste é reconhecida, visto que utiliza expressões como “pelo contrário”, e especialmente a negação, para caracterizar a prática do *striptease*. A negação, usada pela entrevistada, parte de um dizer que contesta, a princípio, o senso comum: “O *striptease* nos Estados Unidos não é uma cena de depravação. É um espetáculo. Prova disso é que para assisti-lo vão famílias inteiras...”. Os atributivos “depravação” *versus* “espetáculo” resumem o contraste sobre o modo como a prática é vista no país de origem e de destino, conforme o modo de representação da migrante entrevistada.

Nesse ponto, a migrante enaltece as características que distinguem a identidade e as práticas norte-americanas, em relato que aborda que todos bebem juntos no show e que famílias inteiras assistem às apresentações. Destaca-se que o modo de nomear a prática do

streptase, que é renomeado como “*show*”. Essa forma de nomeação torna a prática mais aceitável, diferentemente do modo como ela é entendida no Brasil, seu país de origem.

Acrescenta-se o fato como relata-se a avaliação de ter sido fotografada no aeroporto do Rio de Janeiro, quando chegou ao Brasil: “...pude sentir que o Brasil é um país que cansa e é uma ‘fossa’. “Nos Estados Unidos a mulher pode andar despida no meio da rua que ninguém repara”. Na visão do relato que retrata a fala da entrevistada, as práticas brasileiras se opõem às práticas estadunidenses. A entrevistada, em seus dizeres representados, reage ao modo como percebe ser vista e observa que é aceita no país de migração; destaca as diferenças de um país em relação ao outro, sobretudo no que diz respeito ao seu modo de vida e à sua prática de trabalho.

8 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Análise de Discurso Crítica ajuda a compreender a rede de valores, as práticas e o sistema de conhecimentos e crenças sobre a migração. No caso da reportagem analisada, o significado acional pode ser percebido com a reportagem que se mistura a uma entrevista abordando o trabalho de praticante de *streptase* da mulher que se torna objeto de curiosidade e avaliação. No Brasil, a migrante descreve uma atividade discriminada, mas associada à diversão de pessoas no território estadunidense. O discurso midiático, como significado representacional, na reportagem, destaca a importância da conjuntura para refletir sobre o modo migrante é representada, em sua identidade: classifica o Brasil como “fossa” e se reafirma como realizada, mas continua sujeita às avaliações provindas das relações de poderes assimétricas e aos valores dos territórios. Destaca-se no significado identificacional o modo de dizer informal e o vocabulário escolhidos para retratar a condição feminina na reportagem, reforçando sua identidade discriminada.

Neste trabalho, discurso relatado e citações reproduzidas em primeira pessoa ajudam a compor a representação da migrante que descreve seu modo de vida, seus valores e suas práticas. Destaca-se também o modo de representar essa migrante pelos dizeres do jornal, compondo o plano semiótico da reportagem e texto com escolhas estratégicas. A ação social reforça a curiosidade para o olhar do não aceito a partir dos preceitos do local de origem, entrevistada justamente para satisfazer a curiosidade dos leitores, provocando-lhes o olhar e o consumo pela leitura e consequente avaliação.

REFERÊNCIAS

CHOUILIARAKI, Lillie. FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse in late modernity**: rethinking critical discourse analysis. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

ECKERT, Penelope; MC CONNELL-GINET, Sally. Comunidades de práticas: lugar onde co-habitam linguagem, gênero e poder (1992). In: OSTERMANN, Ana Cristina; FONTANA, Beatriz (Orgs.). **Linguagem, gênero, sexualidade**: clássicos traduzidos. São Paulo: Parábola, 2010. p.93-108.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse and social change**. Oxford: Polity Press Blackwell Publishers Ltd., 1992.

FAIRCLOUGH, Norman. A análise crítica do discurso e a mercantilização do discurso público: as universidades. Tradução de Célia Maria Magalhães. In: MAGALHÃES, Célia M. M. **Reflexões sobre a Análise Crítica do Discurso**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 2001. Série Estudos Linguísticos, v. 2.

FAIRCLOUGH, Norman. **Analysing Discourse: Textual Analysis for Social Research**: London/New York: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, N. **Language and Globalization**. New York: Routledge, 2006.

FISHMAN, Pamela. O trabalho que as mulheres realizam nas interações (1978). In: OSTERMANN, Ana Cristina; FONTANA, Beatriz (Orgs.). **Linguagem, gênero, sexualidade**: clássicos traduzidos. São Paulo: Parábola, 2010. p. 31-48.

FLAUSINO, Márcia Coelho. Notícia: conduzindo a compreensão da realidade - cotidiano, imaginário e representações sociais. In: BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge; MARTINEZ, Regina (Orgs.). **Comunicação: discursos, práticas e tensões**. São Paulo: Rideel; Brasília: UniCEUB, 2001. p. 103-118.

HAESBAERT, Rogério. *Da desterritorialização à multiterritorialidade*. ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 10. **Anais...** Universidade de São Paulo, 2005. p. 6774-6792.

IBGE. **Censo Demográfico 2000 - Resultados do universo**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 20 out. 2001.

JODELET, D. Representações sociais : um domínio em expansão. In: JODELET, D. (org.). **As Representações sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002, p.17-44

MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Discursos de identidades**: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família. Campinas: Mercado de Letras, 2003

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

SIQUEIRA, Sueli. **Sonhos, sucesso e frustrações na emigração de retorno**. Brasil/Estados Unidos. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**: A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. P.7-72.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Agronegócio 103, 104, 105, 107, 108

Análise 6, 1, 3, 5, 9, 12, 13, 15, 22, 24, 25, 29, 32, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 44, 45, 49, 51, 52, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 71, 76, 79, 91, 98, 99, 100, 103, 108, 109, 110, 116, 138, 141, 142, 144, 145, 158, 160, 174, 178, 179, 187, 188, 203, 210, 215

B

Biopoder 4, 7, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 83, 84, 112

Biopolítica 4, 7, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 83, 84, 85, 112, 113, 114

C

Censura 7, 2, 3, 96, 122, 188, 194, 195, 197, 198

Ciberdemocracia 4, 7, 86, 87, 88, 96, 98

Ciberespaço 4, 7, 31, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 86, 87, 88, 91, 95, 155, 156, 162, 174

Cidadania 7, 56, 57, 67, 71, 72, 78, 85, 136, 137, 138, 139, 140, 145, 181, 182, 184, 187, 218

Compartilhamento 17, 21, 27, 29, 59, 76, 78, 87, 89, 90, 92, 93, 94, 95, 97, 154, 157, 160, 161, 162, 168, 169, 171, 172, 209, 213

Comportamento 11, 67, 97, 159, 160, 170, 179, 181, 198, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 210, 212, 214, 216, 218

Comunidade 6, 39, 46, 47, 77, 78, 85, 88, 95, 114, 116, 139, 140, 143, 144, 156, 157, 158, 159, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 171, 172, 173, 174, 175, 201, 204, 214

Construção 4, 6, 15, 17, 31, 33, 34, 36, 37, 38, 40, 42, 45, 57, 67, 73, 88, 113, 119, 170, 171, 176, 177, 179, 184, 186, 188, 193, 195, 204

Cultura 4, 16, 20, 22, 23, 24, 26, 31, 32, 36, 37, 39, 47, 51, 64, 65, 67, 70, 72, 73, 75, 84, 88, 98, 108, 110, 113, 119, 138, 142, 147, 151, 152, 157, 174, 181, 187, 188, 192, 194, 195, 198, 218

D

Direitos 6, 40, 46, 50, 56, 57, 64, 67, 69, 70, 71, 72, 75, 98, 102, 137, 182, 183, 185, 187, 218

Discurso 3, 31, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 52, 57, 58, 60, 61, 62, 64, 67, 70, 81, 84, 99, 100, 101, 102, 104, 106, 107, 108, 109, 129, 187, 188, 198

Dramas 8, 188, 189, 192

E

Ecologia 16, 46, 47, 48, 49, 50, 144

Educação 4, 15, 46, 47, 48, 50, 51, 53, 60, 64, 65, 66, 67, 71, 72, 73, 93, 99, 100, 155, 174, 175, 186, 187, 216, 218

Enunciação 6, 38, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60

Estereótipos 8, 70, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 186, 187

F

Fake News 4, 5, 7, 18, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 94, 95, 96, 97, 98, 129, 133, 134, 145

Fotografia 4, 6, 46, 48, 50

G

Gênero opinativo 4, 6, 1, 2, 3, 5, 7, 8, 12, 13

H

Humano 139, 150, 151, 152, 170, 179, 181, 186, 200, 201, 203, 204, 205, 207, 208, 210, 214, 216

I

Inclusão 20, 46, 47, 48, 50, 51, 138, 139, 180

Información 122, 123, 124, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 134, 149, 150, 151, 152, 153

Inteligência 89, 112, 155, 156, 173, 174, 204, 212

Internet 16, 17, 18, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 48, 50, 52, 55, 59, 74, 75, 83, 85, 86, 87, 88, 89, 92, 94, 98, 122, 123, 124, 128, 129, 130, 134, 141, 150, 154, 155, 156, 158, 159, 161, 169, 170, 171, 173, 175, 194, 198, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 210, 211, 213, 215, 216, 217

J

Jornais 3, 4, 6, 21, 23, 32, 49, 52, 53, 59, 64, 65, 66, 89, 180

Jornalismo 1, 2, 3, 4, 6, 10, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 82, 86, 92, 96, 99, 182, 187, 218

L

Leitura 5, 44, 53, 107, 178, 209, 218

M

Manifestações 6, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 66, 74, 84, 113

Mídia 4, 6, 7, 3, 11, 14, 16, 21, 22, 24, 25, 26, 32, 38, 39, 41, 49, 50, 52, 53, 57, 58, 59, 60, 74, 77, 79, 85, 89, 90, 97, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 105, 107, 108, 161, 176, 177, 178,

179, 180, 181, 182, 183, 184, 186, 187, 194, 195, 218

Migrante 6, 34, 35, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 44

Mulher 6, 33, 34, 35, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 63, 68

N

Necropolítica 112, 113, 114, 120

Notícia 4, 6, 1, 9, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 32, 40, 43, 45, 79, 90, 91, 93, 94, 96, 101, 103, 183, 186, 187

O

Objetivo 4, 1, 6, 18, 19, 24, 25, 27, 28, 34, 35, 37, 40, 47, 48, 49, 52, 53, 57, 58, 64, 79, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 94, 96, 104, 112, 114, 123, 129, 130, 139, 154, 161, 163, 165, 166, 169, 171, 179, 180, 192, 193, 200, 204, 214

Olhar 9, 11, 34, 36, 37, 44, 70, 74, 77, 100, 103, 114, 120, 177, 188, 202

P

Pandemia 4, 7, 8, 9, 11, 99, 101, 104, 105, 106, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 119, 124, 134

Participação 6, 15, 20, 24, 25, 29, 47, 63, 67, 75, 76, 77, 78, 79, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 91, 96, 119, 141, 154, 156, 164, 168, 172, 175, 183

Pesquisa 1, 3, 15, 17, 18, 20, 21, 24, 25, 27, 29, 30, 31, 35, 39, 40, 41, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 58, 64, 65, 66, 67, 71, 72, 73, 86, 88, 89, 92, 94, 98, 99, 100, 103, 114, 138, 146, 160, 173, 174, 175, 176, 178, 180, 182, 185, 200, 201, 203, 204, 206, 207, 210, 213, 214, 218

Política 4, 8, 6, 11, 36, 59, 64, 65, 66, 67, 70, 72, 73, 86, 87, 89, 91, 92, 96, 100, 101, 103, 107, 114, 122, 123, 124, 128, 129, 130, 131, 132, 134, 145, 147, 188, 198, 202, 214, 218

Propaganda 7, 72, 95, 105, 108, 122, 123, 124, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 134, 180

Q

Qualidade 10, 21, 25, 27, 48, 50, 53, 92, 103, 142, 144, 145, 186, 209, 210, 212, 213, 214

Questões 20, 22, 40, 49, 50, 79, 82, 88, 99, 100, 112, 139, 141, 144, 145, 146, 177, 179, 183, 185, 194, 205

R

Redes sociais 7, 18, 19, 23, 24, 27, 28, 31, 58, 59, 78, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 119, 122, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 174, 175, 197, 198, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217

Reportagem 6, 1, 9, 10, 12, 17, 31, 34, 35, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 83, 90, 93, 94, 101

Representações 6, 34, 35, 36, 37, 45, 50, 64, 65, 67, 68, 70, 71, 72, 110, 111, 119, 176, 177, 179, 180, 184, 186, 187, 210

Responsabilidade social 27, 33, 136, 137, 138, 140, 147, 218

S

Saúde 4, 6, 7, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 68, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 111, 112, 115, 116, 117, 119, 120, 143, 178, 180, 181, 182, 183, 184, 186, 187, 203, 213, 216, 217

Sentido 6, 34, 36, 37, 39, 42, 50, 53, 55, 61, 63, 65, 67, 75, 77, 79, 80, 81, 84, 100, 102, 103, 106, 109, 110, 113, 114, 119, 140, 151, 155, 159, 161, 164, 167, 169, 171, 172, 180, 181, 184, 186, 188, 192

Surdos 46, 47, 48, 49, 50, 51

Sustentabilidade 7, 56, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146

T

Teledramaturgia 188, 189, 192, 198

Texto 3, 6, 7, 8, 31, 37, 39, 40, 41, 42, 44, 52, 60, 61, 69, 79, 83, 84, 93, 94, 99, 100, 105, 106, 108, 159, 161, 169, 170, 201, 218

Transtorno 8, 176, 177, 178, 180, 182, 183

U

Usuário 18, 19, 78, 88, 97, 115, 117, 118, 207, 208

V

Virtual 8, 51, 78, 87, 88, 90, 92, 95, 96, 154, 159, 171, 175, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 207, 211, 214, 216

Visualidade 7, 110, 114

